

DEFENDE PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO LPAZ

Açores não devem perder o “comboio” do Espaço

SANTA MARIA. Fórum internacional LPAZ decorre na próxima semana e o Espaço não podia deixar de ser tema, numa altura em que estão autorizados lançamentos.

O presidente da Associação LPAZ, António Monteiro, defende que é vital os Açores conseguirem um lugar no setor do Espaço. “Será que são úteis nesta nova tecnologia? Se forem, será muito importante para Portugal, para a Região em particular e para a própria Europa. Se não forem, ou se os Açores e Portugal não marcarem presença nesta nova tecnologia, se calhar os Açores poderão perder o comboio que têm sempre apanhado ao longo dos séculos, de participar nos grandes movimentos tecnológicos, de comunicações e de transportes no Atlântico. Se isso acontecer, as ilhas perdem valor e passam a ser mais um destino turístico e pouco mais”, disse ao DI.

A associação organiza o Fórum LPAZ 2025- “Pontes Atlânticas: Cultura, Política e Conhecimento”, que decorre, de segunda a quarta-feira, na ilha de Santa Maria.

Em meados deste mês foi noticiado que consórcio português Atlantic Spaceport Consortium obteve autorização por cinco anos para lançar foguetões a partir da ilha de Santa Maria.

Depois da aprovação do pedido apresentado em dezembro, o primeiro voo está previsto para maio de 2026.

O fórum debate as questões Atlânticas de forma “holística”, mas o tema do Espaço é incontornável.

“Os Açores, historicamente, sempre tiveram um papel importante nos transportes e nas comunicações no Atlântico Norte. Desde a

própria descoberta e povoamento dos Açores: Havia uma função como base de apoio às navegações transatlânticas. Nos vários períodos, sempre que foi introduzida uma nova tecnologia de transportes ou de comunicações, seja a vela latina, seja a embarcação a vapor, sejam os cabos submarinos, depois a aviação... Os Açores tiveram o seu papel e marcaram presença. Foram um instrumento para que Portugal se afirmasse no contexto internacional”, enquadrou António Monteiro, que espera agora que o mesmo aconteça com o setor espacial.

A Região precisa, contudo, de usar objetividade, considerou. “Há possibilidade de ser como aconteceu com a aviação, em que no século XX os Açores foram fundamentais para as ligações transatlânticas e ainda no século XX deixaram de ser fundamentais. O downgrade das Lajes e o abandono do aeroporto de Santa Maria começam ainda no século XX. A partir dos anos 70, 80, os americanos já não precisariam tanto da Base das Lajes como base de apoio para a aviação, porque entretanto as aeronaves já permitem que a maior parte dos voos sejam sobrevoos. Claro que os americanos não querem que outro inquilino se instale”, explicou.

Se na aviação e nos transportes marítimos os Açores não são hoje imprescindíveis, no domínio espacial esse prazo pode esgotar-se ainda mais depressa. “No caso da aviação, foram perto de 25 anos. Se calhar, com o Espaço, estamos a falar de 10 a 15 anos”, refletiu o presidente da associação.

Há também contas difíceis de fazer. “Outro desafio aqui é que valor acrescentado é que isso deixa realmente nos Açores. No tempo da aviação e de outras tecnologias era preciso criar postos de trabalho nas próprias ilhas. Hoje, com a digitalização, é diferente. Temos um radar de detritos espaciais, uma série de outras antenas, por onde circula muita informação recolhida por satélites. É quase impossível



saber o real valor desta informação e ‘cobrar uma renda’ ou impostos sobre o valor que é gerado sobre essa informação. Quando aterrava um avião, era um evento tangível. Na questão aeroespacial, tudo é mais intangível”, apontou.

Mesmo assim, a viagem no “comboio” espacial, que vai além do lançamento de foguetões, deve valer a pena. “Os Açores devem

marcar presença e utilizar este momento para valorizar todo o outro substrato, o seu património natural. As reservas marinhas são importantes, o fundo do oceano, a vigilância sobre quem navega aqui”, advogou.

Para ler todo o cenário, será necessária uma abordagem diversa, que o fórum, que vai na sexta edição, adotou. “Nenhum destes fatores

pode ser olhado isoladamente”, assegurou o responsável.

COMO O ÁRTICO ESTÁ A MUDAR

O que se está a passar no Ártico influencia os Açores. O tema será também discutido no encontro internacional em Santa Maria, que soma cerca de 30 conferencistas.

“O degelo do Ártico afeta toda a estratégia e geoestratégia dos vá-

à economia. Não só no presente, mas também noutros tempos. Isto permite-nos, depois, fazer pontes para o futuro e analisar melhor o que está a acontecer”, reforçou.

O presidente da associação LPAZ descreveu o evento como “uma iniciativa da própria comunidade açoriana, mariense em particular”. É um objetivo que essa comunidade “tenha melhores ferramentas

LANÇAMENTO DE LIVRO INCLUÍDO NO PROGRAMA

O encontro internacional

O Fórum LPAZ 2025, com o tema “Pontes Atlânticas: Cultura, Política e Conhecimento”, decorre em Santa Maria de 1 a 3 de setembro.

Os primeiros dois dias são de conferência académica e realizam-se no auditório da Biblioteca Municipal de Vila do Porto, abertos ao público e com emissão online, sendo as línguas de trabalho o inglês e francês.

Um segundo momento será o Roteiro Geoestratégico, no dia 3 de setembro, que “levará os participantes à visita dos locais de maior valor geoestratégico passado, presente e futuro, na ilha de Santa Maria”.

No programa está o lançamento do livro “One Atlantic, many perspectives – valuing diversity in the age of competition” (“Um Atlântico, muitas perspetivas - valorizando a diversidade na era da competição”), coordenado por Licinia Simão, António Monteiro, Ana Mónica Fonseca, José Domingues Almeida e Diniz Borges, e editado pela Bruma Publications e pela Associação LPAZ, através da Letras Lavadas.

A obra resulta das comunicações apresentadas na edição de 2024 do Fórum LPAZ.

O fórum avança em parceria com o Centro de Estudos Internacionais do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa (CEI-Iscte), a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores (CEHu), o CHAM - Centro de Humanidades (UAc/NOVA), o Centro do Atlântico/Atlantic Centre, a Associação Portuguesa de Estudos Franceses (APEF), o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), e a Transatlantic Studies Association.

rios espaços do Atlântico”, resumiu António Monteiro.

A questão do Ártico foi colocada na agenda mediática, impulsionada pelas declarações de Donald Trump em relação à Gronelândia. “Tem a ver com isso, com a forma como o Ártico passa a ser um espaço de navegação e como isso muda as centralidades do Atlântico. A forma de mobilidade no Atlântico, em que temos o canal do Panamá e o estreito de Gibraltar como pontos fulcrais poderá mudar no futuro”, assinalou.

“O fórum tenta abordar todas essas matérias em transformação no Atlântico. Uma das grandes ferramentas para o fazer é de forma transdisciplinar. Olhamos todos estes assuntos com a perspetiva desde a literatura até à geopolítica, à ciência política, à história e

para compreender o que é que vai acontecendo, os desenvolvimentos tecnológicos e a evolução dos tempos e das políticas”, disse.

No fundo, trata-se de abandonar uma postura de passividade. “Como é que nos inserimos no Atlântico? Durante o século XX e sobretudo na II Guerra Mundial, os Açores eram palco das necessidades dos vários estados, beligerantes ou não, um palco um pouco passivo, sem uma reflexão sobre o que estava a acontecer. Esse tempo passou. Queremos que sejamos nós, açorianos, a estar num novo tempo, em que tenhamos uma melhor compreensão sobre estes fenómenos que nos afetam e que tornam estas ilhas diferentes de outros arquipélagos que não têm esta valorização geoestratégica”, frisou António Monteiro.



FOTOGRAFIA: LPAZ